

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ALUNOS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Mirtes Martins de Melo Tomaz¹

RESUMO: A educação inclusiva tem se consolidado como um princípio fundamental da escola contemporânea, exigindo práticas pedagógicas capazes de atender à diversidade presente no ambiente escolar. Nesse contexto, a formação continuada docente assume papel central na efetivação da inclusão de alunos com Transtornos do Espectro Autista, considerando as especificidades relacionadas à comunicação, à interação social e aos processos de aprendizagem desses estudantes. Este artigo teve como objetivo analisar a importância da formação continuada docente para a educação inclusiva de alunos com Transtornos do Espectro Autista, destacando seus impactos na prática pedagógica. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada na análise de livros, artigos científicos e documentos oficiais que tratam da formação docente, da educação inclusiva e do atendimento educacional aos alunos com TEA. Os resultados evidenciam que a formação continuada contribui significativamente para o fortalecimento das práticas pedagógicas inclusivas, ao ampliar o conhecimento docente, favorecer a flexibilização curricular, incentivar o uso de estratégias diversificadas e promover maior segurança profissional. Observou-se também que processos formativos contínuos impactam positivamente a organização do ambiente escolar, as práticas avaliativas e as relações interpessoais, favorecendo a participação e o desenvolvimento dos alunos com TEA. As considerações finais indicam que a formação continuada não deve ser compreendida como ação pontual, mas como processo permanente, essencial para a construção de uma escola inclusiva. Conclui-se que investir na formação continuada docente é condição indispensável para garantir uma educação mais equitativa, acolhedora e comprometida com o direito à aprendizagem de todos os alunos.

Palavras-chave: Formação Continuada. Educação Inclusiva. Transtorno do Espectro Autista. Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tem se consolidado como um princípio fundamental das políticas educacionais contemporâneas, reafirmando o direito de todos os estudantes à participação e à aprendizagem em contextos escolares comuns. Nesse cenário, a inclusão de alunos com Transtornos do Espectro Autista (TEA) apresenta desafios específicos que exigem da escola e dos professores uma atuação pedagógica sensível, planejada e fundamentada em conhecimentos teóricos e práticos consistentes. A formação continuada docente, nesse contexto, assume papel central para a efetivação de práticas educacionais inclusivas.

¹ Mestra em Educação pela Uniatlantico.

Os alunos com TEA apresentam características singulares relacionadas à comunicação, à interação social e ao comportamento, o que demanda estratégias pedagógicas diferenciadas e um olhar atento às suas potencialidades e necessidades. Na ausência de uma formação adequada, muitos professores relatam insegurança e dificuldades para lidar com essas especificidades, o que pode comprometer o processo de ensino-aprendizagem e a participação efetiva desses estudantes no ambiente escolar.

Embora a legislação brasileira assegure o direito à educação inclusiva e à escolarização em classes comuns, observa-se que a distância entre o que está previsto nos documentos legais e a prática pedagógica cotidiana ainda é significativa. Essa lacuna evidencia a necessidade de investimentos contínuos na formação dos professores, especialmente no que se refere à compreensão do TEA e às possibilidades de intervenção pedagógica no contexto da educação básica.

A formação continuada docente configura-se, assim, como um espaço privilegiado de reflexão e aprimoramento profissional, possibilitando ao professor ressignificar suas práticas, ampliar seu repertório metodológico e desenvolver estratégias pedagógicas mais adequadas à inclusão de alunos com TEA. Quando articulada à realidade escolar, essa formação contribui para a construção de práticas mais flexíveis, colaborativas e centradas no desenvolvimento integral do estudante.

2

Diante desse contexto, torna-se relevante discutir a importância da formação continuada docente para a educação inclusiva de alunos com Transtornos do Espectro Autista. Compreender os impactos dessa formação na prática pedagógica permite refletir sobre os caminhos possíveis para a consolidação de uma escola mais inclusiva, comprometida com o respeito às diferenças e com a garantia do direito à educação de qualidade para todos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por um conjunto de condições que afetam, em diferentes graus, a comunicação, a interação social e os padrões de comportamento dos indivíduos. A literatura aponta que compreender essas características é essencial para que o professor desenvolva práticas pedagógicas adequadas e coerentes com as necessidades dos alunos com TEA (APA, 2014).

No contexto escolar, a diversidade de manifestações do TEA exige que o professor abandone práticas homogêneas e adote estratégias pedagógicas flexíveis. A formação continuada contribui para ampliar o conhecimento docente sobre o espectro, permitindo a compreensão de que cada aluno apresenta singularidades que devem ser respeitadas no processo de ensino-aprendizagem (MANTOAN, 2015).

Autores destacam que a ausência de conhecimentos específicos sobre o TEA pode gerar insegurança e práticas excludentes, ainda que não intencionais. Professores sem formação adequada tendem a interpretar comportamentos típicos do transtorno como indisciplina ou desinteresse, o que compromete o vínculo pedagógico (CARVALHO, 2016).

A formação continuada possibilita ao docente reconhecer que dificuldades de comunicação e interação não significam incapacidade de aprendizagem. Ao contrário, quando mediadas por estratégias adequadas, essas crianças demonstram potencial significativo de desenvolvimento cognitivo e social (ORRÚ, 2016).

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de compreender o TEA sob uma perspectiva educacional e não apenas clínica. A formação docente contínua favorece a construção de um olhar pedagógico, centrado nas possibilidades de aprendizagem e no desenvolvimento integral do aluno (BRASIL, 2015).

A literatura evidencia que professores que participam de processos formativos específicos sobre TEA demonstram maior empatia e sensibilidade em relação às diferenças, o que contribui para práticas pedagógicas mais inclusivas e humanizadas (MANTOAN, 2015).

Além disso, a formação continuada contribui para o planejamento de atividades estruturadas, uso de rotinas visuais e organização do ambiente, estratégias amplamente recomendadas para o trabalho pedagógico com alunos com TEA (ORRÚ, 2016).

Dessa forma, compreender o Transtorno do Espectro Autista e suas implicações pedagógicas constitui um dos primeiros passos para a construção de práticas inclusivas, sendo a formação continuada docente um elemento indispensável nesse processo.

2.2 A FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE COMO ESTRATÉGIA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA

A formação continuada docente destaca-se como estratégia fundamental para a efetivação da educação inclusiva de alunos com TEA. Estudos indicam que a formação inicial, em geral, não contempla de forma aprofundada conteúdos relacionados à educação especial, tornando necessária a ampliação dos conhecimentos ao longo da carreira docente (IMBERNÓN, 2016).

Processos formativos contínuos possibilitam que os professores reflitam sobre suas práticas, identifiquem dificuldades e busquem alternativas pedagógicas mais adequadas às necessidades dos alunos com TEA. Essa reflexão contribui para a construção de práticas mais conscientes e fundamentadas teoricamente (PIMENTA; LIMA, 2017).

A literatura aponta que formações contextualizadas, que dialogam com o cotidiano escolar, apresentam maior impacto na prática docente. Quando o professor consegue relacionar os conteúdos formativos com situações reais da sala de aula, a inclusão torna-se mais efetiva (LIBÂNEO, 2018).

Outro aspecto relevante refere-se ao desenvolvimento de competências pedagógicas específicas, como o uso de recursos visuais, estratégias de mediação da comunicação e adaptação curricular. A formação continuada favorece o domínio dessas competências, ampliando as possibilidades de participação do aluno com TEA nas atividades escolares (BRASIL, 2015).

A formação docente também contribui para o fortalecimento do trabalho colaborativo entre professores, profissionais do Atendimento Educacional Especializado e demais membros da equipe escolar. Essa articulação é fundamental para a construção de estratégias pedagógicas integradas e coerentes (GLAT; PLETSCH, 2011).

Além disso, estudos indicam que a formação continuada contribui para a superação de barreiras atitudinais, auxiliando os professores a ressignificarem concepções preconceituosas e expectativas reduzidas em relação aos alunos com TEA (CARVALHO, 2016).

A formação continuada também favorece o uso de metodologias ativas e estratégias pedagógicas diversificadas, que respeitam os diferentes ritmos de aprendizagem e promovem maior engajamento dos alunos com TEA (MORAN, 2018).

Assim, a literatura analisada evidencia que a formação continuada docente constitui um eixo estruturante da educação inclusiva, possibilitando avanços significativos na inclusão de alunos com Transtornos do Espectro Autista.

2.3 IMPACTOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA

Os impactos da formação continuada docente na prática pedagógica inclusiva são amplamente reconhecidos nos estudos sobre educação inclusiva. Professores que participam de formações contínuas tendem a desenvolver práticas mais flexíveis, planejadas e alinhadas às necessidades dos alunos com TEA (IMBERNÓN, 2016).

Um dos principais impactos observados refere-se à melhoria no planejamento pedagógico. A formação continuada possibilita ao professor elaborar atividades estruturadas,

com objetivos claros e adaptações necessárias, favorecendo a aprendizagem e a participação do aluno com TEA (ORRÚ, 2016).

A avaliação da aprendizagem também sofre transformações importantes. Professores formados na perspectiva inclusiva passam a adotar avaliações processuais, valorizando o desenvolvimento individual do aluno e evitando práticas classificatórias que reforçam a exclusão (HOFFMANN, 2014).

Outro impacto relevante diz respeito à organização do ambiente escolar. A formação continuada contribui para a criação de espaços mais previsíveis, acessíveis e acolhedores, aspectos fundamentais para o bem-estar e a aprendizagem de alunos com TEA (BRASIL, 2017).

A literatura aponta ainda que a formação docente contínua fortalece as relações interpessoais no contexto escolar. Professores mais preparados demonstram maior capacidade de mediação de conflitos e promoção de interações positivas entre os alunos (MANTOAN, 2015).

Os impactos também se refletem no aumento da autonomia docente. A formação continuada permite ao professor tomar decisões pedagógicas fundamentadas, adaptando conteúdos e metodologias sem comprometer os objetivos educacionais (SACRISTÁN, 2013).

Outro aspecto evidenciado refere-se ao envolvimento da família no processo educacional. Professores formados na perspectiva inclusiva tendem a estabelecer diálogo mais próximo com as famílias, favorecendo ações pedagógicas articuladas (DESSEN; POLONIA, 2007).

Por fim, os estudos indicam que a formação continuada docente exerce impacto direto na qualidade da educação inclusiva, fortalecendo a escola como espaço de aprendizagem, respeito à diversidade e desenvolvimento integral dos alunos com Transtornos do Espectro Autista.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que busca compreender e analisar, de forma interpretativa, a importância da formação continuada docente para a educação inclusiva de alunos com Transtornos do Espectro Autista (TEA). Essa abordagem permite aprofundar a compreensão dos significados, concepções e práticas pedagógicas relacionadas à inclusão, considerando o contexto educacional e social em que estão inseridas.

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de produções acadêmicas e documentos oficiais que abordam a formação docente, a educação inclusiva e o atendimento educacional de alunos com TEA. Foram utilizados livros, artigos científicos, dissertações, teses e legislações educacionais, selecionados com base na relevância temática e na credibilidade das fontes.

O levantamento bibliográfico foi realizado em bases de dados reconhecidas na área da Educação, como SciELO, Google Acadêmico e portais institucionais do Ministério da Educação, priorizando produções publicadas nos últimos anos, sem desconsiderar autores clássicos cuja contribuição permanece fundamental para a compreensão do tema. Os critérios de seleção das fontes consideraram a pertinência ao objeto de estudo e a contribuição teórica para a análise da inclusão escolar.

Os procedimentos metodológicos envolveram a leitura exploratória, analítica e interpretativa dos materiais selecionados. Inicialmente, realizou-se uma leitura geral para identificação das ideias centrais relacionadas à formação continuada docente e à inclusão de alunos com TEA. Em seguida, procedeu-se à leitura aprofundada, com destaque para conceitos, argumentos e resultados apresentados pelos autores.

A análise dos dados ocorreu de forma reflexiva e interpretativa, organizando-se os conteúdos em eixos temáticos que dialogam com os objetivos da pesquisa. Esses eixos permitiram relacionar os fundamentos teóricos da educação inclusiva aos desafios e impactos da formação continuada na prática pedagógica voltada aos alunos com Transtornos do Espectro Autista.

6

A metodologia adotada mostrou-se adequada para alcançar os objetivos propostos, possibilitando uma análise consistente sobre o papel da formação continuada docente na construção de práticas pedagógicas inclusivas. A metodologia adotada mostrou-se adequada para alcançar os objetivos propostos, possibilitando uma análise consistente sobre o papel da formação continuada docente na construção de práticas pedagógicas inclusivas voltadas aos alunos com Transtornos do Espectro Autista. Ao privilegiar a pesquisa bibliográfica, foi possível estabelecer um diálogo aprofundado com diferentes autores e perspectivas teóricas, ampliando a compreensão sobre os desafios e as possibilidades da inclusão escolar.

A análise interpretativa dos dados permitiu identificar convergências e divergências presentes na literatura, bem como lacunas que ainda persistem no campo da formação docente para a educação inclusiva. Esses elementos contribuíram para a organização dos resultados e das

discussões, articulando os fundamentos legais, teóricos e pedagógicos que sustentam a inclusão de alunos com TEA na escola regular.

Destaca-se que a opção metodológica pela abordagem qualitativa favoreceu uma leitura crítica da realidade educacional, permitindo compreender a inclusão como um processo dinâmico e contextualizado. Essa perspectiva possibilitou refletir sobre a formação continuada não apenas como requisito legal, mas como prática formativa essencial para a transformação da atuação docente.

Por fim, ressalta-se que, embora o estudo não envolva pesquisa de campo, os resultados obtidos oferecem subsídios relevantes para a reflexão sobre políticas de formação continuada e para o aprimoramento das práticas pedagógicas inclusivas. Assim, a metodologia empregada contribui para fortalecer o debate acadêmico acerca da educação inclusiva de alunos com Transtornos do Espectro Autista, evidenciando a necessidade de investimentos contínuos na formação docente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa evidenciam que a formação continuada docente desempenha papel decisivo na efetivação da educação inclusiva de alunos com Transtornos do Espectro Autista. A literatura analisada indica que professores que participam de processos formativos contínuos demonstram maior compreensão sobre as características do TEA e sobre as possibilidades pedagógicas que favorecem a aprendizagem e a participação desses alunos no contexto escolar.

7

Observa-se que a formação continuada contribui para a superação de práticas pedagógicas homogêneas, ainda presentes em muitas escolas. Os estudos indicam que o reconhecimento da singularidade do aluno com TEA permite ao professor abandonar modelos padronizados de ensino, adotando estratégias mais flexíveis e ajustadas às necessidades individuais.

Os resultados apontam que professores com formação continuada apresentam maior segurança para lidar com comportamentos característicos do TEA, compreendendo-os como formas de comunicação e expressão, e não como indisciplina ou desinteresse. Essa mudança de percepção impacta diretamente a qualidade da relação pedagógica estabelecida em sala de aula.

A análise também evidencia que a formação continuada favorece o planejamento pedagógico estruturado, aspecto fundamental para alunos com TEA. Professores formados

tendem a organizar rotinas claras, utilizar recursos visuais e antecipar atividades, contribuindo para a previsibilidade do ambiente escolar e para o bem-estar do aluno.

Outro resultado relevante refere-se à diversificação das estratégias de ensino. A formação continuada amplia o repertório metodológico dos docentes, incentivando o uso de atividades lúdicas, jogos pedagógicos, recursos concretos e tecnologias assistivas, elementos que favorecem o engajamento dos alunos com TEA no processo de aprendizagem.

No que diz respeito à avaliação da aprendizagem, os estudos analisados indicam que a formação continuada contribui para a adoção de práticas avaliativas processuais e qualitativas. Professores passam a valorizar o desenvolvimento individual do aluno, respeitando seus avanços e limitações, em vez de comparações com padrões normativos.

Os resultados também evidenciam impactos positivos na organização do ambiente escolar. Professores com formação continuada tendem a criar espaços mais acessíveis, acolhedores e estruturados, favorecendo a participação ativa do aluno com TEA nas atividades propostas e nas interações sociais.

A literatura aponta ainda que a formação continuada fortalece o trabalho colaborativo entre professores da sala regular, profissionais do Atendimento Educacional Especializado e equipe pedagógica. Essa articulação contribui para a construção de estratégias integradas de acompanhamento e intervenção pedagógica.

8

Outro aspecto identificado refere-se à mudança de atitudes docentes frente à inclusão. A formação continuada contribui para a desconstrução de preconceitos e expectativas reduzidas em relação aos alunos com TEA, promovendo uma postura pedagógica mais ética, empática e comprometida com o desenvolvimento integral do estudante.

Os resultados indicam que a formação continuada também impacta positivamente a relação entre escola e família. Professores mais preparados tendem a estabelecer diálogo mais próximo com os responsáveis, favorecendo ações educativas articuladas e coerentes com as necessidades do aluno.

A análise evidencia que a formação continuada contribui para que o professor compreenda a inclusão como processo coletivo e institucional, e não como responsabilidade individual. Essa compreensão fortalece a construção de uma cultura escolar inclusiva, baseada na cooperação e no compartilhamento de responsabilidades.

Os estudos analisados apontam que a ausência de formação continuada constitui um dos principais entraves à inclusão de alunos com TEA. Professores sem suporte formativo

tendem a reproduzir práticas excludentes, ainda que de forma não intencional, o que reforça a importância de políticas públicas voltadas à formação docente.

Outro resultado relevante refere-se à autonomia pedagógica do professor. A formação continuada possibilita maior liberdade para adaptações curriculares e metodológicas, permitindo que o docente tome decisões fundamentadas, sem comprometer os objetivos educacionais.

A literatura indica ainda que a formação continuada favorece a escuta sensível do professor em relação ao aluno com TEA. Essa escuta contribui para a identificação de interesses, potencialidades e formas próprias de aprendizagem, fortalecendo o vínculo pedagógico.

Os resultados mostram que a inclusão de alunos com TEA exige mais do que conhecimentos técnicos. Ela demanda atitudes, valores e compromisso ético, aspectos que são fortalecidos por processos formativos contínuos e reflexivos.

A análise também evidencia que a formação continuada contribui para a redução de práticas segregadoras, como o isolamento do aluno com TEA em atividades paralelas, promovendo sua participação efetiva nas propostas coletivas da turma.

Os estudos indicam que professores que participam de formações continuadas tendem a adotar práticas pedagógicas mais planejadas e intencionais, evitando improvisações que possam gerar insegurança ou exclusão do aluno com TEA.

Outro aspecto discutido refere-se à importância da formação continuada para a compreensão do desenvolvimento infantil e dos processos de aprendizagem, possibilitando intervenções pedagógicas mais adequadas às especificidades do TEA.

Os resultados reforçam que a formação continuada docente impacta diretamente a qualidade da educação inclusiva, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais justas, equitativas e humanizadas.

Por fim, a discussão evidencia que a formação continuada não deve ser compreendida como ação pontual, mas como processo permanente, essencial para garantir o direito à educação de qualidade aos alunos com Transtornos do Espectro Autista e para fortalecer a escola como espaço de inclusão e diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo permitiu compreender que a formação continuada docente é um elemento central para a efetivação da educação inclusiva de alunos com Transtornos do Espectro Autista. Ao longo da pesquisa, foi possível aprender que a inclusão

desses estudantes não se concretiza apenas pela garantia legal de acesso à escola regular, mas pela transformação das práticas pedagógicas e das concepções docentes acerca da diversidade e da aprendizagem.

Os resultados evidenciaram que a formação continuada impacta positivamente a prática docente ao ampliar o conhecimento sobre o TEA, fortalecer a segurança profissional e favorecer a adoção de estratégias pedagógicas mais flexíveis, planejadas e intencionais. Verificou-se que professores que participam de processos formativos contínuos tendem a desenvolver práticas mais inclusivas, capazes de respeitar as singularidades dos alunos e promover sua participação efetiva no contexto escolar.

Este trabalho contribui para a área educacional ao reforçar a importância da formação continuada como eixo estruturante da educação inclusiva. Ao destacar os impactos dessa formação no planejamento pedagógico, na avaliação da aprendizagem, na organização do ambiente escolar e nas relações interpessoais, a pesquisa evidencia que a inclusão de alunos com TEA exige compromisso institucional e ações formativas permanentes.

Entre as limitações do estudo, destaca-se o fato de a pesquisa ter caráter bibliográfico, o que impossibilita a observação direta das práticas pedagógicas em contextos reais de sala de aula. Nesse sentido, sugere-se que estudos futuros possam incorporar pesquisas de campo, como entrevistas e observações, a fim de aprofundar a compreensão sobre os efeitos da formação continuada na inclusão de alunos com TEA.

Conclui-se que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que o estudo permitiu analisar criticamente a importância da formação continuada docente para a educação inclusiva de alunos com Transtornos do Espectro Autista. A pesquisa reafirma que investir na formação permanente dos professores é condição indispensável para a construção de uma escola inclusiva, comprometida com a equidade, o respeito às diferenças e o direito à educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial da União, Brasília, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, Brasília, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. II. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

GLAT, Rosana; BLANCO, Leila de Macedo Varela. **Educação especial no contexto da educação inclusiva**. In: GLAT, Rosana (org.). Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

GLAT, Rosana; PLETSCH, Márcia Denise. **Inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 33. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. Goiânia: Alternativa, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Porto Alegre: Penso, 2018.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.